

## A TEMPESTADE

De sombras calmosas os Ceus se vestiram,  
Sorveu a neblina da lua o fulgor,  
As lindas safiras perderam seu brilho,  
Usurpa-o das trevas medonho palor.

Trincheiras de nuvens, sombrias, espessas,  
Do seio disparam do raio o luzir!  
As ondas se encurvam co' o pezo dos ventos,  
E vem sobre as praias quaes feras rugir!

Trovões pavorosos lá bramam nos ares!  
Derrama a procella terrores a flux!  
A leve andorinha perdeu o seu ninho  
Tão cega e confusa do raio co' a luz!

[...]

A linda Zagala, bem junto à lareira,  
Um himno descanta que eleva ao Senhor,  
E o pranto inocente lhe ondea o rosto,  
Desbota-lhes as rosas da face o pavor.

Palpita-lhe o peito... a voz se lhe some...  
Confusa... medrosa se prostra ante a Cruz!  
As línguas vorazes do raio flamífero  
Lhe ceifam dos olhos a límpida luz!

E os brados de «hossana» ferventes desdobram  
Co' os mil estampidos d'envolto lá vão!  
Impedem-lhe os voos, decepam-lhe as forças  
As vozes fogosas d'horriavel tufão!

Couto Severim,  
in *Revista dos Açores*, vol. 2,  
Ponta Delgada, 1853.